



Igual a ser um che angyru¹: o possível conceito de *etnosensibilidade*, ou o sensível na pesquisa de campo.²

Yan Leite Chaparro

Eliezer Martins Rodrigues

Josemar de Campos Maciel

Primeiras palavras.

O ensaio metodológico que segue, trata estritamente da produção do conceito de etnosensibilidade como processo que reflete sobre o sensível no campo de pesquisa etnográfico, nesse caso, com os Avá Guarani/Ñandeva do território Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu situado nos municípios de Japorã e Iguatemi no Mato Grosso do Sul, fronteira com o Paraguai. Conceito que esta como confecção metodológica de uma pesquisa de doutorado dentro do campo dos estudos críticos do desenvolvimento.

Mas, o objetivo deste ensaio não é o tratamento do tema da pesquisa de doutorado, mas sim, da produção do conceito de etnosensibilidade como atenção ao sensível e a sensibilidade durante o processo de confecção de uma pesquisa que tem como população de trabalho, uma sociedade indígena. Texto dividido em três partes: primeiro uma apresentação etno-histórica dos Avá Guarani/Ñandeva de Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu,

¹ Palavras de um professor da etnia Guarani em relação ao trabalho entre indígenas e não-indígenas. Che angyru representa uma verdadeira relação de amizade entre duas pessoas, ou entre duas ou mais pessoas, uma amizade que se pode confiar a vida de um em relação ao outro.

² Proposta teórico metodológica que esta na pesquisa de doutorado em Desenvolvimento Local intitulada *Este é nosso corpo a terra: caminhos e palavras Avá Guarani/Ñandeva de Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu para além do fim do mundo*. Pesquisa que teve como período de pesquisa de campo entre anos 2016 e 2018.

segundo o esforço conceitual de produção da etnosensibilidade e terceiro a reflexão sobre o sensível do pesquisador quando escolhe tecer seu caminhar com aqueles que fazem o campo de pesquisa.

Os Avá Guarani/Ñandeva de Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu.

Os Avá Guarani/Ñandeva na qual a pesquisa é construída, vivem hoje no território Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu no município de Japorã e Iguatemi no sul do Estado do Mato Grosso do Sul, na fronteira com o Paraguai. Os Avá Guarani também já foram conhecidos por Apapocúva (NIMUENDAJU, 1987) e hoje são conhecidos por Avá Guarani, ou Guarani, ou por Guarani-Ñandeva, mas nesse trabalho optou-se pelo nome Avá Guarani/Ñandeva depois de uma longa conversa com dois pesquisadores Avá Guarani/Ñandeva, que explicaram que o nome Avá Guarani/Ñandeva envolve o significado deles como sociedade, como etnia e como posicionamento político por entre os espaços que esse nome circula no Brasil, no Paraguai e em outros países, espaços políticos, acadêmicos e entre terras com as outras etnias existentes no MS.

Contexto etno-histórico que pode ser observado em Paz Grünberg (2014) sobre os Guarani contemporâneos:

Ao sudoeste do Estado brasileiro Mato Grosso do Sul (MS), fronteira com o Paraguai, estão estabelecidos dois dos três subgrupos Guarani da região centro-sul da América do Sul: os *Tavyterã*, conhecidos na literatura brasileira como Kaiowá e os *Ava-Guarani*, também chamados, no Brasil e no Paraguai, de *Ñandéva*. A área de ocupação destes dois povos estende-se à parte oriental do Paraguai. Os *Ava-Guarani* também vivem no Estado brasileiro do Paraná. No lado brasileiro, a maior parte dos *Tavyterã*, aproximadamente 20.000, e dos *Ava-Guarani*, 8.000, vivem hoje no Mato Grosso do Sul, em 22 comunidades, oito reservas e 14 áreas demarcadas entre 1989 e 1994. A maior parte ocupa somente um total de 17.300 ha. das oito reservas citadas, que foram demarcadas no final dos anos 1920. Uma pequena parte da

população indígena continua vivendo aparentemente como trabalhadores rurais nas áreas das suas comunidades tradicionais, as quais acabaram sendo adquiridas e ocupadas por grandes fazendeiros através de títulos de propriedade. (p.367)

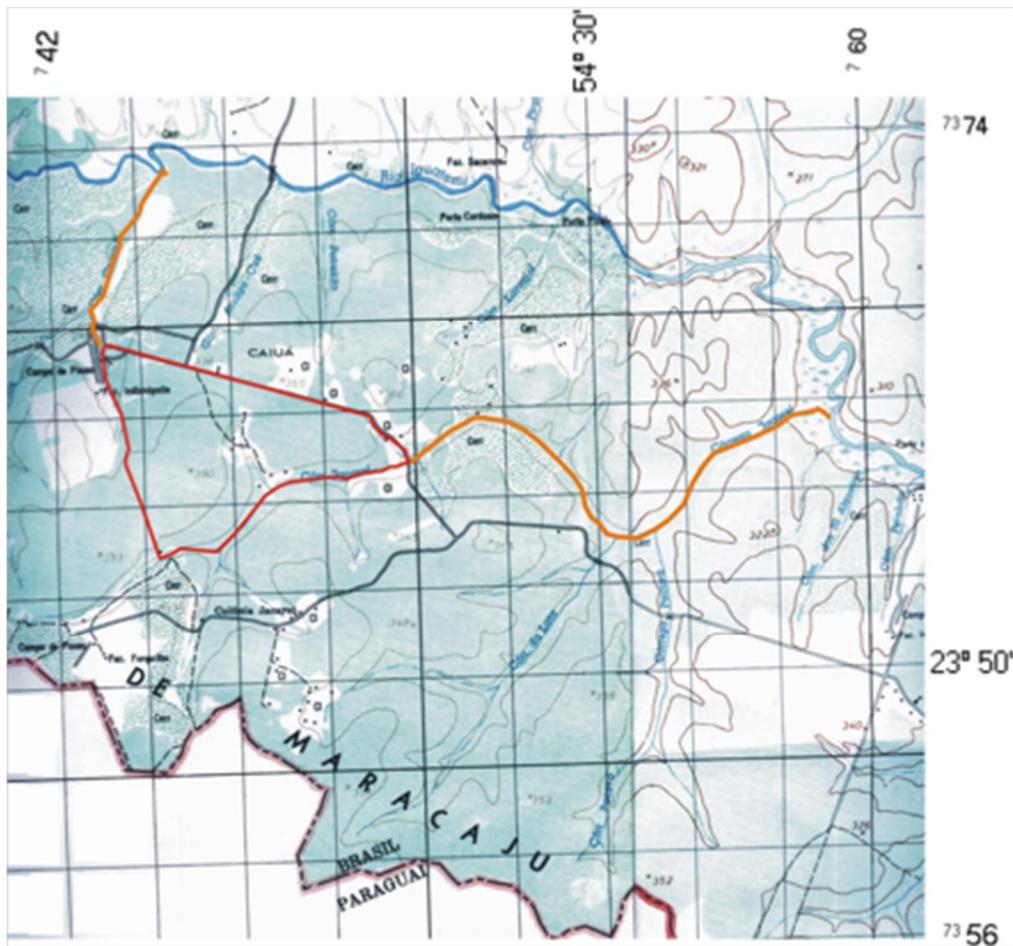
Os Avá Guarani/Ñandeva se estendem por toda fronteira do MS com o Paraguai, uma sociedade estabelecida e produzida por cosmologias, cosmovisões, organizações sociais, economias e modos próprios de existências que rege a vida humana e não-humana. Segundo Mura (2002) O território atual dos Ñandeva compreende os rios Jejui Guasu, Corrientes e Acaray, no Paraguai, e, no Brasil, o Rio Iguatemi e seus afluentes, sendo encontrados também nas proximidades da junção deste com o Paraná. (p. 07).

Opta-se pelo uso do nome Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu para representar o território Avá Guarani/Ñandeva, pois descreve os caminhos e as referências históricas deles em relação a perda dos seus territórios no passado e as retomadas dos mesmos no presente histórico. Como relata Colman (2007):

A Terra Indígena de Yvy Katu se localiza próxima a Reserva de Porto Lindo, município de Japorã. Yvy Katu está à 510 Km de Campo Grande, no extremo sul do Estado de Mato Grosso do Sul. A reocupação deve ser uma ampliação da atual reserva de Porto Lindo. A terra indígena de Yvy Katu é área já identificada e possui 9.461 ha e foi ocupada por 1500 guarani, da reserva de Porto Lindo, que não suportavam mais a situação de aperto e de confinamento em que se encontravam na antiga reserva. Nestas condições era praticamente impossível a vivência do modo de ser guarani. (p. 65)

Território ocupado por quase cinco mil indígenas em sua maioria Avá

Guarani/Ñandeva, existindo alguns poucos Kaiowá, por volta de 117 pessoas, onde com a retomada pode chegar a proposta de ampliação de limites abrangem 9.461,4429 hectares (MURA, 2002), como é possível ver no mapa produzido por Landa (2005) concretizando por fim o grande território Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu.



Mapa com a TI Porto Lindo/Jakarey (em vermelho) e a área do *tekoha* Yvy Katu (em laranja). A porção norte é limite como rio Iguatemi. (LANDA, 2005)

A possível etnosensibilidade.

O ponto central do caminhar sensível, a etnosensibilidade, pelo campo pesquisa, são sempre as produções de conhecimentos e realidades dos Avá Guarani/Ñandeva que vivem no território Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu, ou melhor, suas palavras que objetivam e constroem a realidade. Como lembra Derrida (1994):

Minhas palavras são òvivaö, porque parece que elas não me deixam: não caem fora de mim, para fora da minha respiração, em um afastamento visível; não deixam de me pertencer, de estar à minha disposição, õsem acessóriosö. (p. 86)

Caminhar que é construído como movimento duplo. Organizada por aglutinações de diferentes texturas, ritmos e densidades de capacidade de nutrir e sustentar os diversos pontos envolvidos no enredar-se com os Avá Guarani/Ñandeva. Um caminhar produzido sensivelmente dentro do contexto de vigor de vida, quando ao se mover, apresenta e evidencia suas ramificações e palavras sobre e sob o seu vivido, uma realidade tecida por conhecimentos que organiza historicamente uma sociedade como riqueza, como resistência e, ainda, como força de novas perspectivas para dentro do seu território e para fora do mesmo.

O movimento de encontrar as palavras (DERRIDA, 1994), e ter a clareza que o limite do pesquisador é falar com, permite uma organização metodológica como esforço precisamente dialógico, entendido pela brutalidade radical da antropologia simétrica (LATOURETTE, 2008) que dobra e desdobra continuamente a presença das imagens: sujeito e objeto. Acentuada pela clareza racional dos espelhos de Borges (1949). A etnosensibilidade permite pensar para além da dicotomia sujeito e objeto, onde pesquisador é o não-indígena e o indígena. Movimento que faz o caminhar construído a partir do princípio básico de escutar a palavra que nunca sai de si.

Como lembra Derrida (1994)

[...] o processo da palavra tem a originalidade de entregar-se como puro fenômeno, já tendo suspenso a atitude natural e a tese de existência do mundo. (p.89)

Essa mesma palavra que faz escuta, palavra que quando expressa já é antes de tudo crítica e visualização real de quem fala. O sujeito, os Avá Guarani/Ñandeva, que tecem a palavra pra quem escuta, já faz a palavra como fenômeno real do vivido, e não uma ficção ou imaginação. Nesse sentido, o caminhar etnosensível como construção metodológica, forma e conteúdo, escuta a palavra do sujeito como processo de presença com o fenômeno vivido, tecendo um rede sensível de sentidos que dão forma no escrito como contaminação do fenômeno da palavra do sujeito escutado.

O que constrói um processo de seguir a palavra, os atores humanos e não-humanos descritos pela palavra. Processo construído com a constante atenção na forma e no conteúdo da escrita da pesquisa, que requer uma primeira crítica a segmentos científicos que por sua vez sustentam o modelos hegemônicos e homogêneos de fase pesquisa. Quer dizer que escutar, conversar e escrever, esta como ação política do caminhar.

Construção conceitual que entende a *etnosensibilidade* como movimento perto da intenção do Anti-Narciso inscrito por Viveiros de Castro (2015) ao comentar que a intenção fundamental é mostrar que os estilos de pensamento praticados pelos povos que estudamos são a força motriz da disciplina (p.24). Força motriz entendida como um denso tecido que precisa ser percorrido, que precisa ser cuidadosamente pensado como processo de pesquisa duplo, a construção da pesquisa com as sociedades indígenas e o olhar analítico como reflexo para ciência moderna. Força motriz que é hoje a possibilidade de desalinhar sobreposições sobre o Outro no campo das políticas e das práticas em relação as sociedades indígenas.

Quando a escuta sensível faz compreender que o que faz os Guarani serem quem são, esta no seu próprio modo de existir, o que muitas vezes, remete aos olhos desatentos a ilusão de não ver nada, por não querer ver, mas para aqueles olhos mais atentos, salta ao olhar o real fenômeno, a existência de uma complexa organização sofisticada que inverte a mais alta política, a mais alta tecnologia e as mais altas coisas que hoje são consideradas altas por interesses econômicos que encontram no chão do Mato Grosso do Sul um solo fértil para continuar uma nova e antiga realidade colonizadora.

Carneiro da Cunha (2009) lembra que mesmo aqueles que acreditavam que a história iria passar por cima das sociedade ameríndias com o processo de integração, aculturação e do capitalismo como domesticador dos modos de existir, se enganaram. Um exemplo são os Guarani (Avá Guarani/Ñandeva e os Kaiowá/PaiTavyterã), que se matem como são, com seus processos próprio, mesmo cercados por uma sociedade envolvente que

significa as sociedades indígenas como invisíveis, atreladas por sentidos racistas, preconceituosos, violentos e cínicos.

Caminhar com.

Caminhar é uma palavra, um fenômeno e uma ação, nesse sentido caminhar faz aliança conceitual com a etnosensibilidade que também é uma palavra, um fenômeno e uma ação. Aliança conceitual que descobre seu sentido como aliança e como produção de conceito no instante radical de meditação com todo o processo de pesquisa de campo, quando se entende a necessidade de buscar novos sentidos do caminhar, para produzir um trabalho de campo esclarecido sobre sensível que o permeia a todo instante. Emoções, dilemas, responsabilidades, medos e coragem.

Busca que faz o caminhar com se mover particularmente como possibilidade não mais como um ideário ou uma possibilidade longe, mas uma necessidade radical em relação as demandas dos territórios Guarani e dos contextos das pesquisas científicas que trabalham com as sociedades indígenas. Pois, não estamos mais em tempo que permite para falar sobre, como uma sobreposição de representações. Estamos em uma tempo de falar, escrever e trabalhar com. De falar as palavras dentro do tempo e da realidade que faz a realidade como vivido radical, em carne viva.

Busca e movimento inscritos e incorporados como ato de caminhar. Pois, o processo de caminhar, faz a ação de escrever seus conteúdos como aliança de amizade e trabalho, e não com um interlocutor (a), mas com parceiros (as) de pesquisa. No mesmo instante que a pesquisa era produzida, a pesquisa de um amigo Avá Guarani/Ñandeva também era produzida. Ele com a pesquisa de mestrado em Educação na Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, e eu com a pesquisa de doutorado em Desenvolvimento Local na UCDB. Caminhar que se constrói junto, ao lado, por todo o percorrer em Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu, e também dentro de outros territórios, como o universitário acadêmico da UCDB e da cidade de Campo Grande/MS.

Como disse Ivan Molina, indígena da etnia Aymara, sociólogo e diretor da escuela de cine y artes audiovisuales de La Paz, no Fórum de Inclusão Digital nas Aldeias (FIDA), que aconteceu na aldeia Panambizinho no município de Dourados/MS no ano de 2011. Ele diz que não estamos mais no tempo de simplesmente respeitar, mas sim de conviver. Conviver para se impor.

Fala que remete ao tempo presente, o sentido de conviver não como forma ausente de conflito, ou como um plano de integração, pelo contrario, conviver se mostra como alteridade, como conflito explicito, como possíveis diálogos e como movimento para contrapor e inverter jogos nos campos de poder (do conhecimento, políticos, sociais e econômicos). Jogos estes que no ultimo instante repete historicamente a perda sempre do lado das sociedades indígenas, pois são jogos que caem na ilusão de construir uma convivência que busca um local comum, ou busca construir politicas onde a primeira-pessoa ou o protagonista sempre são os sistemas das sociedade moderna/capitalista.

O caminhar etnosensível é o esforço de gerir força, de caminhar ao lado com a plena consciência que não existe fuga. Caminhar como modo e forma de construção a partir da radicalidade do sensível descritivo e analítico (TAUSSIG, 1993), regido pelo ato de seguir o fio de Ariadne (LATOURE, 2008). Fio seguido e construído como caminhar sensível, pois Ariadne desata as histórias e os dilemas como um fenômeno de meditação, quando cada movimento seu com a linha, apresenta seu olhar no espelho, seu olhar para as histórias e suas revisões de caminhos. Sua particularidade de construir histórias com aquele que esta perto, longe e que busca ao mesmo tempo.

Quando a própria realidade dos Avá Guarani/Ñandeva que vivem em Porto Lindo (Jakarey) Yvy Katu, uma área que vive um processo retomada e demarcação do território, já demanda caminhar com. Como caminhar continuo que a cada passo infinitas fendas abre-se nunca aprisionando a palavra, mas sim trabalhando com a palavra do sujeito primeiro da história, podendo ter o limite na convivência de falar e escrever no espaço do com, que os sujeitos permitem.

Como também, caminhar e ter a clareza que o trabalho científico no presente histórico se dá como produção de conceitos e ações dentro de uma realidade cercada por intervenções externas. Realidade movida por politicas de interesses e tomadas de decisões onde suas consequências encontram sem pudor os corpos e os espíritos dos Guarani.

Caminhar, fenômeno e ação, que constrói um tecido como etnosensibilidade, um caminhar etnográfico permeada pelo concreto real do sensível, que também esta próximo da ideia de articulação entre a sensibilidade a racionalidade de Lévi-Strauss quando diz:

O pensamento e a sensibilidade atingem uma dimensão nova em que cada gota de suor, cada flexão muscular, cada arfar tornam-se outros tantos símbolos de uma história cujo movimento próprio meu corpo reproduz, e

cujo o significado, ao mesmo tempo, meu pensamento abarca. Sinto-me banhado numa inteligibilidade mais densa, em cujo seio os séculos e os lugares se respondem e falam linguagem afinal reconciliadas. (1996, p.54)

Movimento sensível de escuta, de pensar, de escrever. O frio, o calor, a poeira, o gosto dos alimentos, do mate, do terere, das lágrimas e dos risos, se tornam sentidos que ficam em cada passo do caminhar. Pensamento, racionalidade e sensibilidade que atingem um lugar de encontro no ato de conversar, pensar e escrever com. O que faz preciso estar entre os graus do sensível e racional para produzir e construir conceitos e conhecimentos, dosagens concretas e reais, dados e sentidos construídos com as palavras dos Avá Guarani/Ñandeva. Entre e como uma aliança de amizade.

Como lembra Latour (2008):

Este dilema permaneceria sem solução caso a antropologia não nos houvesse acostumado, há muito tempo, a tratar sem crises e sem crítica o tecido inteiriço das naturezas-culturas. Mesmo o mais racionalista dos etnógrafos, uma vez mandado para longe, é perfeitamente capaz de juntar em uma mesma monografia os mitos, etnocências, genealogias, formas políticas, técnicas, religiões, epopeias e ritos dos povos que estuda. Basta envia-lo aos arapesh ou achuar, aos coreanos ou chineses, e será possível obter uma mesma narrativa relacionando o céu, os ancestrais, a forma das casas, as culturas de inhame, de mandioca ou de arroz, os ritos de iniciação, as formas de governo e as cosmologias. Nem um só elemento que não seja ao mesmo tempo real, social e narrado. (LATOURE, p. 12, 2008)

Dilema que encontra solução com o posicionamento cotidiano de caminhar sensível, atendo a construção da escrita com as palavras e sentidos do sujeito, com a possibilidade de pensar a flexibilidade para ciência e para o desenvolvimento, reduzir a marcha (LATOUR, 2008) do contingente científico que se bastam por si mesmos, para colocar um espelho de frente, com o objetivo de mostrar que não está sozinho. Como o homem de Borges (2008) que ao se deparar com o espelho entende que não está mais sozinho.

Organização metodológica que requer responsabilidades, nos campos políticos e científicos, quando o trabalho é construído alinhado às demandas e às realidades dos Avá Guarani/Ñandeva e deve responder e dialogar ao mesmo tempo com as demandas históricas para as ciências que trabalham com as sociedades indígenas. Produto de trabalho que conseqüentemente deve fazer sentido para os Avá Guarani/Ñandeva, ao mesmo tempo que deve fazer sentido aos contextos acadêmicos e políticos de tomadas de decisões.

Últimas palavras.

Fico com a fala de um amigo Ñandeva/Avá Guarani nos ouvidos, e explico ao leitor a mesma fala: porque temos que passar pela universidade para que os nossos conhecimentos sejam reconhecidos? Reflexão filosófica em carne viva que questiona as organizações de poderes que envolve a produção de conhecimentos.

Pelo mesmo caminho, Benites (2014) confecciona a seguinte reflexão:

Para falar sobre o conhecimento ou a ciência na perspectiva kaiowá e guarani, utilizo o termo arandu (ara é tempo, dia; ndu vem do termo ohendu, que significa ouvir escutar, contemplar). Assim, traduzindo este termo, podemos dizer que arandu é ouvir o tempo, vivenciar, conhecer com a experiência de vida, na relação intrínseca com o ambiente. (p.38)

Precisão reflexiva epistemológica e política que compreende no seu sentido de caminhar, de construir conhecimento, o movimento do vivido, ainda muito procurado pelas

ciências, todas as ciências. Refletindo um processo onde o conhecimento ganha um sentido amplo e complexo, tecido rebuscadamente e sensivelmente, para o que vale mais a pena, a vida, o vivido, a condição real do viver. Ouvir o tempo e compreender a vida. Uma construção de conhecimento que não é cindida de todo o processo de vida, ou abstraída como um movimento alheio, mas sim, organizada com seus próprios parâmetros de produzir conhecimento, vasto e refinado, como vida concreta. Que talvez a mais alta filosofia esteja mais perto.

Reações filosóficas de dois Guarani que exige para dentro do processo metodológico de pesquisa, a radicalidade do sensível, como possibilidade de não sobrepor sentidos, realidades, conhecimentos e organizações sociais que tecem as variadas dimensões da vida que não pode desviar a atenção em relação as palavras guardadas Guarani, como lembra Eliezer Martins.

Referencial bibliográfico.

BENITES, E. *Oguata pyahu (uma nova caminhada) no processo de desconstrução e construção da educação escolar indígena da reserva indígena teøyikue*. Dissertação de mestrado. Universidade católica dom bosco: campo grande, 2014.

BORGES, J. *O fazedor*. Editora: Companhia da Letras, São Paulo, 2008.

COLMAN, R. *Território e sustentabilidade: os Guarani e Kaiowá de Yvy Katu*. Dissertação de mestrado. UCDB: Campo Grande, 2007.

DERRIDA, J. *A voz e o fenômeno*. Editora Zahar: Rio de Janeiro, 1994.

GRÜNBERG, P e GRÜNBERG, G. (org). *Los Guaranís: persecución y resistencia*. Editora Abya Yala: Quito, 2014.

LANDA, B. *Os Nandeva/Guarani e o uso do espaço na terra indígena Porto Lindo/Jakarey, município de Japorã/MS*. Tese de Doutorado. Porto Alegre. PUC/RS, 2005.

LATOUR, B. *Jamais Fomos Modernos*. 4ª. Reimpressão, Editora 34: Rio de Janeiro, 2008.

MURA, F. (Coord. Do GT); ALMEIDA, Rubem F.T. *Relatório antropológico de revisão de limites da T.I. Porto Lindo (Jakarey): Terra Indígena YVY KATU*. Portaria n. 724/PRES, 2002.

NIMUENDAJU, C. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani*. Editora HUCITEC: São Paulo, 1987

VIVEIROS DE CASTRO, E. *Metafísicas Canibais: elementos para um antropologia pós-estrutural*. Cosac & Naify: São Paulo, 2015.